



## ENREDOS DA CONSTRUÇÃO DA REPRESENTATIVIDADE DA EaD PARA SURDOS NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE

Alianna Batista da Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho se deteve ao estudo da temática que envolve pessoas surdas, a partir da qual temos a possibilidade de investigar sobre a representatividade da Educação a Distância- EaD para surdos na cidade de Campina Grande- PB. Com o principal objetivo geral esse estudo visa analisar, a partir do diálogo entre história e educação de surdos, a trajetória educacional destes, mediante a construção dos saberes educacionais, frente a EaD. Para a escrita que se segue, o estudo é trabalhado por meio das contribuições dos principais autores, tais Quevedo, Vanzin & Ulbricht (2014), Moran (2013), Sabino (2017), Martins (2005), Rodrigues e Oliveira (2017), entre outros, para que se possa tecer o enredo de segmentos que se conectam direta e indiretamente com as discussões de História da Educação e inclusão digital de surdos. Assim, nossa metodologia se fez realizada por meio de pesquisa bibliográfica. Compreendemos, então, que ao nos direcionamos para a representação de pessoas surdas nos diversos níveis de ensino podemos perceber que ainda são um grupo minoritário e que em muito precisamos avançar para cada vez mais promover inclusão nos espaços como um todo.

**Palavras-chave:** Surdos, Educação a Distância- EaD, Inclusão Digital.

### INTRODUÇÃO

Pretendemos com este estudo analisar o processo das pessoas surdas no contexto da Educação a Distância- EaD em Campina Grande- PB. Quando fazemos este caminho dentro da área de estudo de Tecnologias Digitais na educação tomamos como possível compreender o quanto as tecnologias revelam em cada espaço e tempo suas adaptações e mudanças para a vida das pessoas, neste caso as das pessoas surdas.

Como a concepção de EaD se enquadra em um determinado espaço geográfico e em um período de tempo, de modo que a Educação a Distância – EaD é uma modalidade de ensino que atualmente vem sendo uma oportunidade de cerca de mais de 1,5 milhões<sup>2</sup> de brasileiros adentrar no ensino superior, entre esse número encontramos pessoas surdas que ao fazer uso de Tecnologias da Informação e da Comunicação- TIC's passam a ter oportunidades múltiplas de se alcançar estímulo na aprendizagem e promover habilidades necessárias para a sociedade que constantemente busca desenvolver praticidade em diversas áreas do conhecimento.

---

<sup>1</sup> Graduada do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [alianna\\_silva11@hotmail.com](mailto:alianna_silva11@hotmail.com)

<sup>2</sup> Informações retiradas do site <https://veja.abril.com.br/educacao/ead-15-milhao-de-pessoas-estuda-a-distancia-no-brasil/>



No século XXI, os sujeitos do tempo presente experimentam as tecnologias digitais para diversas finalidades, que de modo democrático visa ser um dos meios em que todas as pessoas possam fazer uso, provendo aprendizagem e inclusão. A tecnologia auxilia a EaD por meio dos recursos de cartas, rádios, televisão, computadores, rede, transformando e se readaptando no processo de conhecimento, com os meios de comunicação, técnicas de ensino e metodologias de aprendizagem.

Deste modo, para a pesquisa que se realizou, tivemos a oportunidade de atentar para as possibilidades que surgiram nas plurais tessituras que apontaram para a visibilidade da história de pessoas surdas, dando importância ao tema tecnologias digitais na educação como um dos recursos de inclusão.

Metodologicamente para a temática de pessoas surdas foi permitido realizar uma pesquisa bibliográfica para se ter conhecimento da história, a partir da qual tivemos a possibilidade de analisar, por intermédio de artigos, livros e sites, a representatividade da EaD para surdos e direcionar para a realidade do município de Campina Grande- PB, com as contribuições para estudos e pesquisas que articulem tecnologia e inclusão, no contexto da história da educação brasileira no aspecto da EaD.

Uma vez que, a educação direcionada para pessoas surdas era praticamente inexistente em nossa região, no recorte temporal dos anos 2000, buscamos contruir essa pesquisa partindo das construções e diálogos com alguns autores, tais como Quevedo, Vanzin & Ulbricht (2014), Moran (2013), Sabino (2017), Martins (2005), Rodrigues e Oliveira (2017), entre outros, para tecermos o enredo de segmentos que se conectam direta e indiretamente com as discussões sobre EaD e História da Educação de Surdos, ao pensar sua identidade, espaços de inclusão e melhorias na educação.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Atualmente o modo de comunicação por parte das pessoas surdas é o que mais evidencia a identidade desse grupo em suas representações cotidianas. A língua de sinais se tornou tão importante quanto qualquer outra, fruto de conquistas e autonomias provocadas pela busca do respeito à diferença cultural que ao ser usada oficialmente vai além de um tipo de apoio ou recurso. É nada mais que uma manifestação linguística-cultural marcada por trajetórias de resistências e práticas de representatividade que faz referência a um grupo da sociedade que tem registros históricos que ainda muito se tem a analisar, pois possuem poucos escritos e



registros a partir da visão dos próprios surdos, sendo em sua maioria ainda uma história para eles direcionada tecida por ouvintes. Com as possibilidades de escrever história de grupos tidos como minorias, temos a oportunidade de dar maior evidência, resgatando na medida do possível os percursos a qual esses sujeitos se fizeram e fazem presentes.

No ano de 2002, com a Lei 10.436, de 24 de abril, se faz reconhecida como língua oficial para surdos do Brasil a Língua de Sinais Brasileira- Libras, oficializada como riqueza comunicativa linguística e cultural dos surdos possibilitando a valorização da língua de sinais e o contato com novas culturas e conhecimentos, se tornando uma linguagem importante no âmbito educacional ao possibilitar ao alunato que faz parte desse grupo específico uma melhor qualidade de ensino e aprendizagem, de modo que a inclusão possa ir além dos limites promovidos pela sala de aula, “tendo em vista as necessidades educacionais dos surdos, é fundamental conhecer as especificidades desse aluno, e pensar no atendimento de forma pontual e direcionada” (NASCIMENTO, ABREU & SANTANA, 2015, p. 02).

De modo que, ao realizar um censo para avaliação social do país, a cada 10 anos o Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico- IBGE busca analisar qual o perfil e percentual base de pessoas consideradas surdas, entretanto “ao contrário do que muita gente pensa, o IBGE não perguntou se a pessoa usa aparelho auditivo, se a pessoa usa Libras, se a pessoa usa implante ou quanto decibéis ela ouve”<sup>3</sup>, o que nos impossibilita de especificar detalhes do perfil de surdos, mediante aspectos que acarreta valiosa análise quando se busca tecer estudos dos que compõem os alfabetizados ou não em Libras, os que frequentam o nível superior e qual o vínculo de ensino, entre outras possibilidades relacionadas a educação e identificação de inclusão e acessibilidade.

A nível nacional, segundo dados do último censo realizado no ano de 2010, de 190.755.799 pessoas que foram avaliadas na entrevista fazem parte da população residente com alguma ausência auditiva 5,1%, retratando ao que seriam 9.717.318 pessoas na época. Chamando-nos a atenção que o maior grupo se refere a homens que auto se avaliaram como negros ou pardos. “A deficiência auditiva foi declarada por 28,2% dos homens de 65 anos ou mais de idade, enquanto 23,6% das mulheres desse grupo etário declararam ter o mesmo tipo de deficiência”<sup>4</sup>.

Na regularidade de crianças que frequentam escolas ou creches, pode ser observado que 31,2% da população geral frequentavam escolas ou creches, em relação aos 12,3% da população

---

<sup>3</sup> Citação referente do site: <https://desculpenaouvi.com.br/afinal-quantos-surdos-existem-no-brasil-spoilerninguem-sabe/>

<sup>4</sup> Idem.



surda. Na análise em relação a alfabetização se faz interessante perceber a diferença entre a população geral e a população com ausência auditiva. Enquanto 89,5% da população geral, com 5 anos ou mais, era alfabetizada, em relação a apenas 75,5% dos surdos. Sendo o recorte geográfico da região Nordeste possuidor da menor taxa de alfabetização. Conquanto, com esses dados não fica explícito para avaliação se os surdos foram alfabetizados em Libras, em português ou não foram alfabetizados em nenhuma das duas línguas citadas.

Apesar de já se passarem mais 9 anos do último censo é importante frisar que são as estatísticas válidas até enquanto o outro não se faz realizado. Esses números que possivelmente tendem a aumentar por diversos fatores de aspectos sociais, tais como: aumento das taxas de natalidade, envelhecimento da população, já que a perda degenerativa da audição acaba sendo um processo natural do envelhecimento, como também se faz relacionado a alguns problemas auditivos adquiridos em diversos setores de trabalhos, entre outras características.

Desse modo, para as pessoas surdas e as comunidades de surdos, a possibilidade de seguir outros caminhos na área da educacional desconstruindo uma cultura escolar pronta e preparada para pessoas ouvintes, é de fundamental importância em meia a busca de conquistas de visibilidades e ocupação de múltiplos espaços, já que a cultura escolar que vigora é direcionada para sujeitos que não possuem nenhuma deficiência, precisando os espaços educacionais se adaptar e ampliar sua percepção para a diversidade de sujeitos que compõem nossa sociedade, como evidencia Sabino (2017), de modo que:

Tomamos como pressuposto o conceito de cultura e suas diferentes interpretações para pensarmos como a escola produz sua cultura e como a cultura escolar exclui a cultura de sujeitos identitários diferentes, tais como os sujeitos com deficiências. A escola enquanto instituição presente no meio social encontra-se também como produtora de cultura escolar. O ambiente escolar desde seu espaço físico, passando pelas redes de sociabilidades estabelecidas, até o cumprimento de regras, compõem os elementos da cultura escolar, objetivando homogeneizar os sujeitos (SABINO, 2017, p. 16).

Quando nos direcionamos para a representação de pessoas surdas nos diversos níveis de ensino podemos perceber que ainda são um grupo minoritário e que em muito precisamos avançar para cada vez mais promover inclusão nos espaços como um todo. Devemos incentivar desenvolvimento social em todas as áreas de aprendizagem, encaminhando ações que promovam a participação de surdos como uma proposta que contribua para a inclusão em diversas modalidades de ensino expandindo oportunidades e acesso além do ensino básico num processo de conhecimento sem limites.

Ao pensar no nível de ensino superior, uma importante modalidade de ensino que vem sendo no século XXI uma alternativa de inovação pedagógica e inclusão digital para pessoas



surdas, entre outras opções, é o Ensino a Distância- EaD, que é uma metodologia de ensino direcionado para a auto- aprendizagem uma vez que docentes e discentes estão separados fisicamente e/ou temporalmente, partindo de uma comunicação síncrona ou assíncrona, se fazendo necessário o uso de um conjunto de recursos tecnológicos que são utilizadas de forma integrada, potencializando a aprendizagem e propondo a interação entre conhecimento e a informação por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação- TIC's.

Na EaD ao fazer uso de computadores, vídeos, CD's, rádio, televisão, entre outros, com o suporte da internet ou não, a experiência da aprendizagem oferece ao aluno meios de direcionamentos para desenvolver estudos individuais, porém não isolados e limitados; uma vez que a EaD possui plataformas que direcionam as informações necessárias oferecendo aos discentes um leque de possibilidades em busca de leitura e conhecimento, com o uso de ambientes virtuais de aprendizagem, proporcionando estímulo ao acesso dos conteúdos, e desenvolvendo estratégias apropriadas para a realização do ensino ao promover

[...] um ambiente virtual dinâmico para a interação entre indivíduos e grupos, e ainda permitem a integração em diversos níveis de recursos, tanto de informação como de comunicação. Nesse sentido, essas tecnologias têm sido apontadas como a espinha dorsal para promoção e efetivação do paradigma educacional que propõe o aprendiz como autônomo e participante na criação da informação e do conhecimento (MARTINS, 2005, p.96).

Entretanto, os recursos tecnológicos direcionados dentro de uma perspectiva de inclusão de aprendizagem para discentes surdos no ensino superior oferecem possibilidades de múltiplos benefícios, pois novas salas de aula passam a serem integrantes nas modalidades de conhecimento, com o objetivo de democratizar a informação por meio da flexibilidade de espaço, tempo e ritmo.

Enfatizamos que, a modalidade EaD foi uma proposta de ensino que, desde 1996 ao ser aprovada na Lei de Diretrizes e Bases- LDB da educação brasileira, viu o quanto seria interessante esse modo de aprender para a propagação do conhecimento. Porém, planejada e programada inicialmente para a cultura dos ouvintes, quando os surdos inicialmente passaram a interagir com a EaD resultou em dificuldades que vieram a se transformar com o desenvolvimento de projetos direcionados para a aprendizagem educacional de pessoas surdas. Adaptações múltiplas foram sendo incorporadas as tecnologias, passando a serem usadas como recursos de metodologia pedagógica, evidenciando para a comunidade de surdos melhores desempenhos linguísticos, sociais e educacionais. De modo que:

A Educação a Distância (EaD) tem base fundamentada nas reais necessidades da sociedade vigente [...]. O aprimoramento das ferramentas da web tem oportunizado a realização da educação a distância é moldada para a atuação docente e discente de



qualidade e ampla possibilidade na conquista de bons resultados. O potencial da EaD está nas possibilidades de comunicação e na organização metodológica, bem como, no alto alcance didáticos promovido pelas ferramentas de ensino (NASCIMENTO, ABREU & SANTANA, 2015, p.05).

O ato de ensinar em um espaço que não se limita aos muros de uma escola convencional torna esse tipo de aprendizagem desafiadora e motivadora para docentes e discentes, visto que o computador e a internet oferecem uma dinâmica de ensinar inovadores para o profissional da área, possibilitando um leque de recursos didáticos em um espaço que o docente faz acontecer do modo mais prático e criativo com base em uma metodologia que busca qualidade entre o que acontece naquele espaço virtual e o conhecimento produzido, despertando o interesse dos discentes e os incentivando na realização de atividades e pesquisas. Ao possuir papel pedagógico, o docente se torna estimulador do desenvolvimento crítico dos discentes ao transmitir confiança na construção do conhecimento.

A educação na sua perspectiva ampla busca o desenvolvimento social dos sujeitos na busca de transformação da realidade de cada indivíduo e do mundo a qual o mesmo está inserindo. Construindo na troca de experiências entre o aprender e o vivenciar a formação de concepções em diferentes modalidades de ensino, seja presencial ou à distância. Na Educação a Distância- EaD “existe um profundo elo entre interação, interatividade e aprendizagem como ações imbricadas que precisam ser alimentadas pelas perspectivas de novas formas de saber” (RODRIGUES & OLIVEIRA, 2019,p. 79).

A modalidade EaD tendo como centro de referência a UFPB com polo na cidade de Campina Grande, com cursos esses direcionados para surdos e ouvintes. Quando iniciou o funcionamento desse polo poucos profissionais da educação tinham conhecimento e quando pensada para pessoas surdas era algo novo para o momento, que se configurava por volta dos anos 2000.

Apesar de parecer algo novo, a história da EaD no Brasil remonta desde o início do século XX, quando pessoas pertencentes as classes mais favorecidas da sociedade passaram a adotar a Educação a Distância por meio de correspondências. Nos anos de 1930, o rádio passou a ser um importante meio de se adquirir conhecimento e estudar, porém a trajetória de sucesso da EaD se fortaleceu por volta do ano de 1960 com a TV interativa, ligada ao Mistério da Cultura; alcançando seu auge no ano de 1970 com a chegada dos primeiros computadores.

Entretanto, é na década de 1990 que motivações são direcionadas para as universidades federais de todo país a explorar a EaD, no contexto de propagação das TI's no processo de expansão da educação. Quando o Ministério da Educação buscou por meio LDB, entre outras



consideráveis políticas de ensino, regulamentar a EaD pelo decreto de número 5.622/2005, estabeleceu que essa modalidade de ensino pudesse abranger espaços e alcançar públicos cada vez maiores, ao promover ações democráticas, possibilitando que a inclusão de diversos grupos de pessoas da sociedade conhecesse uma nova linguagem interativa, cultural, educacional e social. De modo que,

os avanços na educação a distância com a LDB e a Internet estão sendo notáveis. A LDB legalizou a educação a distância e a Internet lhe tirou o ar de isolamento, de atraso, de ensino de segunda classe. A interconectividade que a Internet e as redes desenvolveram nestes últimos anos está começando a revolucionar a forma de ensinar e aprender (MORAN, 2013, p.01).

Assim sendo, por volta do ano de 2006, com o apoio da UFPB foi feito em Campina Grande um polo de EaD, categoria e- Learning<sup>5</sup>, oferecendo inicialmente os cursos de Pedagogia e Matemática. Cursos esses que já existiam em outras universidades da região, entre públicas e particulares, de modo presencial, no entanto, a demanda de inscritos nesses cursos no polo EaD cada vez mais surpreendia toda a equipe de envolvidos, pela quantidade de interessados e as turmas que se formavam entre surdos e ouvintes, por ser um ensino-aprendizagem com uma metodologia acessível e flexível, com recursos educacionais disponíveis no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), definido como Moodle, um software livre e mundialmente reconhecido e aceito na EaD, oferecendo possibilidades infinitas, podendo colaborar para promover a acessibilidade em EaD mediada pela web (RODRIGUES & OLIVEIRA, 2019,p. 07).

De modo que, além de precisarem saber usar os computadores os discentes precisavam se sentir provocados quanto ao uso da internet uma vez que o curso tinha a modalidade de ensino vinculado aos ambientes de modo on- line. Segundo Moran (2013, p. 02):

Antes a EAD era uma atividade muito solitária e exigia muito autodisciplina. Agora com as redes a EAD continua como uma atividade individual, combinada com a possibilidade de comunicação instantânea, de criar grupos de aprendizagem, integrando a aprendizagem pessoal com a grupal.

Nesse contexto inicial, a EaD ao ser utilizada pelos discentes surdos logo se fazem surgir os primeiros desafios direcionados no tocante a linguagem presente na plataforma de aprendizagem, apesar de ser ministrados por docentes e tutores virtualmente presentes e interativos, o ambiente virtual á qual acontecia as aulas cobrava maior autonomia dos surdos quanto ao domínio da língua portuguesa uma vez que “os Ambientes Virtuais de Aprendizagem

---

<sup>5</sup> Ensino na modalidade a distância com uso de computadores e acesso a rede de internet.



(AVAs) constituem os “carroschefes” de plataformas digitais, em que os objetos de aprendizagem, fóruns, agendas, chats e atividades são elaborados em língua portuguesa” (QUEVEDO, VANZIN & ULBRICHT, 2014, p. 03), se fazendo necessário atentar as necessidades do perfil desse público quanto a relação aprendizagem e linguagem, uma vez que,

os cursos de EAD disponibilizados em duas línguas, português e de sinais, podem oferecer ao aluno surdo conforto na aprendizagem e compartilhamento com os colegas ouvintes, contribuindo de modo inimaginável para a melhoria da qualidade de vida da pessoa com surdez (QUEVEDO, VANZIN & ULBRICHT, 2014, p. 297).

Podendo, desta forma, satisfazer diversas necessidades ao buscar viabilizar a inclusão entre surdos e ouvintes na perspectiva de uma mesma estratégia de ensino a qual se adquire conhecimentos entre culturas e linguagens, utilizando a tecnologia aliada a EaD no compartilhamento de experiências, colaborando na acessibilidade de aprendizagem de modo comum a todos nas plataformas de ensino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o campo da Educação, temos um leque de direcionamentos para estudos com as temáticas de memória docente, EaD e tecnologia. Sendo as tecnologias digitais uma área que oferece oportunidades de valiosas análises no processo educacional mediante as trocas desenvolvidas entre a percepção física e virtual.

Para os discentes surdos a EaD por meio da didática de aprendizagem num espaço virtual oferece autonomia e autodisciplina, buscando desenvolver estratégias com significados que auxiliem na construção de uma postura mais ativa e participativa com maiores habilidades e recursos tecnológicos possíveis como aplicativos, programas, softwares, vídeo-aulas, bibliotecas virtuais, entre outros presentes na plataforma da EaD. Exigindo envolvimento dos discentes quanto às aulas e o desenvolvimento do aprendizado, e conseqüentemente proporcionando para as pessoas surdas maior autonomia no que se refere ao Bilinguismo, uma vez que a relação entre a língua oral se faz presente na estrutura da EaD somada a necessidade de amadurecimento da Libras.

Salientando que o uso desses recursos ao ser utilizados pelos surdos difere quanto ao uso feito pelos ouvintes, visto que “para o surdo, a tecnologia serve principalmente para ampliar suas possibilidades de compreensão de si, do outro e da realidade que se apresenta a ele” (MARTINS, 2005, p. 111). No processo de inclusão quanto ao uso das tecnologias, para o desempenho da aprendizagem esses recursos auxiliam os surdos no seu desenvolvimento social



e digital se fazendo interessante atentar para as adaptações que foram realizadas para pessoas surdas na perspectiva das interfaces, promovendo e facilitando melhor aprendizado com assistência das TIC“s.

Ao desenvolver um método próprio de estudo, por meio da organização e disciplina considerando o comprometimento do estudante na EaD, partindo do princípio de inclusão digital e social, e valorização da Libras, é atribuído que os discentes acessem de modo interativo conteúdos inovadores e de maneira rápida mediante a percepção visual, promovendo inovação na metodologia de ensino para pessoas surdas, buscando abranger diversos cursos do ensino superior, partindo para a pós- graduação, construindo uma importante troca de experiências entre docentes e discentes, entre surdos e surdos, surdos e ouvintes, e o se fazer pertencente a nossa sociedade numa perspectiva de interação entre as culturas e as identidades ao oferecer acessibilidade e representatividade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, IBGE. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Censo demográfico. Rio de Janeiro, p.1-215, 2010. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia .pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf). Acessado em 04 de fevereiro de 2019.

MARTINS, Emerson. Cultura surda, educação e novas tecnologias em Santa Catarina. 2005. 204f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102705/259773.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

MORAN, José. A integração das tecnologias na educação. In: A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 5ª Ed. Campinas: Papyrus, 2013, p. 89-90

NASCIMENTO, Kathia Cilene Santos; ABREU, Hortência Gonçalves de; SANTANA, Edjane dos Santos de Jesus. EAD: Novas possibilidades educacionais para os surdos no ambiente virtual de aprendizagem. In: Anais Eletrônicos do Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, v.8, n.1, 2015, p.1-10. O Bilinguismo: O que é? Portal Educação, 200? Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/fonoaudiologia/o-bilinguismo-oque-e/33865>. Acessado em: 04 de fevereiro de 2019.

QUEVEDO, Silvia Regina Pochmann de; VANZIN, Tarcísio; ULBRICHT, Vania Ribas. Ambientes virtuais de aprendizagem bilíngues para surdos em EAD. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta a Distância, São Paulo, v. 13, Maio, 2014. Disponível em: [http://seer.abed.net.br/edicoes/2014/07\\_ambientes\\_virtuais\\_de\\_aprendizado\\_pt.pdf](http://seer.abed.net.br/edicoes/2014/07_ambientes_virtuais_de_aprendizado_pt.pdf). Acessado em: 15 de março de 2019.



RODRIGUES, Vanessa Elisabete Raue; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. Pressupostos pedagógicos nos ambientes virtuais: Apontamentos da 53 educação superior a distância. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta a Distância, São Paulo, v. 16, Maio, 2017. Disponível em: <http://seer.abed.net.br/index.php/RBAAD/article/view/283/227>. Acessado em: 15 de março de 2019.

SABINO, Alexssandro Barbosa. História e memória da educação da EDAC: Práticas de cultura escolar no contexto da educação de Campina Grande (1990- 2015). 2017. 40f. TCC (Graduação em História). Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/15254/1/PDF%20-%20Alexssandro%20Barbosa%20Sabino.pdf>. Acessado em 12 de fevereiro de 2019.